



Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação

ISSN: 2446-8606

ISSN: 1982-5587

bizelli@fclar.unesp.br; contato.riaee@gmail.com

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Brasil

SOUZA, Sandra Cristina Moraes; PEREZ, Carmem Lúcia Vidal
DIVERSIDADE E DIFERENÇA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, vol.
16, núm. 4, 2021, Outubro-Diciembre, pp. 2720-2740

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.14269>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=619869095028>

- [Cómo citar el artículo](#)
- [Número completo](#)
- [Más información del artículo](#)
- [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

DIVERSIDADE E DIFERENÇA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO EDUCACIONAL

DIVERSIDAD Y DIFERENCIA: REPRESENTACIONES SOCIALES EN EL ESPACIO EDUCATIVO

DIVERSITY AND DIFFERENCE: SOCIAL REPRESENTATIONS IN THE EDUCATIONAL SPACE

Sandra Cristina Morais SOUZA¹
Carmem Lúcia Vidal PEREZ²

RESUMO: Este artigo é uma revisão narrativa, e seu objetivo foi identificar o panorama da produção acadêmica nacional pertinente aos temas diversidade e diferença na perspectiva da Teoria das Representações Sociais no campo da Educação. A literatura acadêmica e a científica têm publicado diversos estudos que investigam esses fenômenos sociais. Nessa direção, procuramos aprofundar a temática realizando pesquisas nas bases de artigos e periódicos indexados, como o Portal de Periódicos da CAPES e SCIELO, relativos aos anos de 2010 a 2018. No decorrer do texto, depois de feita a análise descritiva dos trabalhos, procedeu-se a uma interpretação qualitativa dos trabalhos. Os resultados indicaram que o número de estudos que tratam da diversidade e da diferença no espaço educacional é incipiente e, quando se apresentam, são atravessados pelo fenômeno da inclusão de pessoas com deficiência ou abordam a questão da diversidade sexual e racial. Nesse sentido, a diversidade e a diferença não atendem a todos, pois só incluem determinadas categorias e deixam de fora as demais. Foi possível perceber que esses temas ainda são delicados no contexto da Educação. A questão da diversidade e da diferença na educação sugere uma discussão acerca dos vários processos de exclusão social e a participação da escola nesses processos.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Diversidade. Diferença. Educação.

RESUMEN: Este artículo es una revisión narrativa, y su objetivo fue identificar el panorama de la producción académica nacional relevante a los temas de diversidad y diferencia desde la perspectiva de la Teoría de las Representaciones Sociales en el campo de la Educación. La literatura académica y científica ha publicado varios estudios que investigan estos fenómenos sociales. En esta dirección, buscamos profundizar el tema mediante la realización de investigaciones en las bases de artículos y revistas indexadas, como el Portal de Revistas de CAPES y SCIELO, correspondientes a los años 2010 a 2018. A lo largo del texto, luego del análisis descriptivo de las obras, se procedió a una interpretación cualitativa de las obras. Los resultados indicaron que el número de estudios que abordan la diversidad y la diferencia en el

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB – Brasil. Professora do Centro de Educação. Doutorado em Educação (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4176-4352>. E-mail: profsandrapsico@gmail.com

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – RJ – Brasil. Professora da Faculdade de Educação. Doutorado em Educação (USP). Pós-Doutorado em Filosofia da Educação (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6943-4905>. E-mail: clvperez@gmail.com

espacio educativo es incipiente y, cuando se presentan, están atravesados por el fenómeno de la inclusión de personas con discapacidad o abordan el tema de la diversidad sexual y racial. En este sentido, la diversidad y la diferencia no les conviene a todos, ya que solo incluyen determinadas categorías y dejan fuera las demás. Se pudo notar que estos temas aún son delicados en el contexto de la Educación. El tema de la diversidad y la diferencia en la educación sugiere una discusión sobre los diversos procesos de exclusión social y la participación de la escuela en estos procesos.

PALABRAS CLAVE: Representaciones sociales. Diversidad. Diferencia. Educación.

ABSTRACT: *This article is a narrative review, and its objective was to identify the panorama of national academic production relevant to the themes of diversity and difference from the perspective of the Theory of Social Representations in the field of Education. Academic and scientific literature have published several studies that investigate these social phenomena. In this direction, we seek to deepen the theme by conducting research in the bases of articles and indexed journals, such as the Portal of Journals of CAPES and SCIELO, relating to the years 2010 to 2018. Throughout the text, after the descriptive analysis of the works, proceeded to a qualitative interpretation of the works. The results indicated that the number of studies dealing with diversity and difference in the educational space is incipient and, when presented, they are crossed by the phenomenon of inclusion of people with disabilities or address the issue of sexual and racial diversity. In this sense, diversity and difference do not suit everyone, as they only include certain categories and leave out the others. It was possible to notice that these themes are still delicate in the context of Education. The issue of diversity and difference in education suggests a discussion about the various processes of social exclusion and the school's participation in these processes.*

KEYWORDS: Social Representations. Diversity. Difference. Education.

Introdução

A sociedade contemporânea tem ampliado consideravelmente os discursos acerca da diversidade e da diferença. Existem várias discussões que cercam essas temáticas, principalmente no ambiente educacional. De que maneira os termos diversidade e diferença estão sendo representados no debate contemporâneo em educação e em suas políticas públicas? Quais as concepções e os significados atribuídos aos termos diversidade e diferença nos discursos que envolvem o ambiente educacional? Quais as semelhanças e os contrastes no uso dos termos diversidade e diferença e suas conceituações teóricas?

Segundo Morin (1973), a diversidade e a variedade de indivíduos sempre existiram. É um fenômeno natural, estabelecido pela evolução de uma espécie sobre a outra, por meio do qual a sociedade se alimenta e cria e recria seus estatutos, modelos e escalões e, até, as classes sociais, em que as hierarquias se estabelecem.

Dessa forma, a sociedade organiza seus papéis sociais e determina os que irão pertencer a determinada camada social e os irão ser excluídos dela. Para que isso aconteça, demarca os desviantes, os estranhos, os diferentes e os marginais, ou seja, todos os que precisam ser marcados por seu selo. A diferença ganha inúmeros significados, cada um de acordo com as relações de poder presentes na situação, razão pela qual é necessário nomeá-la e categorizá-la, pois, só assim, podemos inclui-la numa perspectiva do aceitável. É relevante dizer que, ao categorizar objetos ou pessoas, imputamos rótulos e identidades não usuais ou não familiares, que fazem aflorar ações estigmatizantes e excludentes (ROCHA; RANGEL, 2016).

Falar da diferença nos leva a pensar no sentido que podemos dar a esse termo pela via da desigualdade, em que a diferença pode ser atribuída à distribuição desigual de recursos na sociedade. Por outra via, podemos estudar a diferença em um contexto particular, que envolve categorias específicas, como gênero, etnia, religião, deficiência, entre outras. Em uma terceira via, busca-se explicar a diferença a partir de concepções teóricas. Independentemente da escolha, todas convergem para um problema que se manifesta no contexto da sociedade: Quem são os diferentes? Onde estão? Como devemos lidar com eles?

Esse questionamento é condizente com um discurso unificador, em que as convergências seriam celebradas, equiparadas e contempladas. Haveria, então, uma tentativa de homogeneizar os sujeitos ou iríamos no inverso dessa visão?

Vale dizer que este estudo, em primeiro lugar, atende às nossas inquietações, como uma forma de refletir sobre nosso pensamento acerca da diversidade e da diferença. As indagações acima são frutos de nosso questionamento e fazem parte de um esforço que fazemos para entender os discursos que norteiam essas temáticas.

Nesse sentido, este ensaio visa identificar, por meio de uma revisão narrativa, o panorama da produção acadêmica nacional pertinente aos temas diversidade e diferença no espaço educacional, à luz da Teoria das Representações Sociais.

Fundamentação teórica

A Teoria das Representações Sociais propõe uma relação simultaneamente individual e social, que ultrapassa a dicotomia entre o indivíduo e a sociedade. É exatamente nesse ponto que reflete sobre a indivisibilidade entre o indivíduo e a sociedade na produção de representações sociais. Essa construção advém das relações sociocognitivas e afetivas. Nesse sentido, a representação social é uma estrutura psicológica relativamente autônoma, pertence a

uma sociedade, em que se instaura, a não ruptura entre o individual e o social (CATÃO; COUTINHO, 2003).

Moscovici (1978, p. 05) compreende a representação social como um conhecimento prático, uma teoria do senso comum: “Trata-se de uma modalidade de conhecimento na perspectiva do indivíduo que dá sentido às práticas sociais e procura compreender os significados que as pessoas atribuem a um objeto social”. É importante salientar que a representação social é um conhecimento prático, uma teoria do senso comum, que não despreza as diversas formas de conhecimento produzidas e mobilizadas pela sociedade.

Para o autor, a representação social contempla a coexistência de duas classes de pensamento: os universos consensuais e os universos reificados (SÁ, 2004). Os primeiros nos encaminham ao conhecimento proveniente das massas, do povo, melhor dizendo, do senso comum; os segundos nos remetem ao conhecimento especializado, aos objetivos lógicos e hierarquizados oriundos das ciências. Portanto, o pensamento se processa a partir dos dois universos: o da ciência e o do senso comum.

Ambos os universos são próprios de nossa cultura. Para que possamos entender esses conceitos, trazemos este pensamento de Moscovici (2015, p. 50-51, grifo nosso):

Em um **universo consensual**, a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidades de falar em nome do grupo e sob seu auspício. Dessa maneira presume-se que nenhum membro possua competência exclusiva, mas cada qual pode adquirir toda competência que seja requerida pelas circunstâncias. Sob esse aspecto, cada um age como um “amador” responsável, ou como um “observador curioso” nas “frases feitas” e chavões do último Século. Na maioria em locais públicos de encontro, esses políticos amadores, doutores, educadores, astrônomos, etc. Podem ser encontrados expressando opiniões, revelando seus pontos de vista e construindo a lei [...]. As regras dessa arte mantêm todo um complexo de ambiguidades e convenções, sem o qual a vida social não poderia existir.

De outro lado,

[...] num **universo reificado**, a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito, seu direito de trabalhar como médico, como psicólogo, como comerciante, ou de se abster desses que “eles não tenham competência na matéria”. Troca de papéis e a capacidade de ocupar o lugar de outro são muitas maneiras de adquirir competência ou de se isolar, de ser diferente. Nós nos confrontamos, pois, dentro do sistema, como organizações preestabelecidas, cada uma com suas regras e regulamentos (MOSCOVICI, 2015, p. 51-52, grifo nosso).

Assim, podemos entender, tendo em vista as considerações citadas, que estamos diante de dois universos: um, em que todos têm a possibilidade de falar livremente, de manifestar opiniões, e têm autoridade para falar sobre determinado assunto; e outro, em que a hierarquização de saberes é amplamente divulgada, e os saberes são institucionalizados e legitimados na busca constante por consolidar a verdade.

O conhecimento científico se apoia na sistematização e na apuração de fatos. O conhecimento do senso comum não é sistemático, apoia-se na memória coletiva e no consenso, e o pensamento que dele provém é razoável, racional e sensível. Nesse sentido, o importante a ser enfatizado é que tanto o pensamento científico quanto o advindo do senso comum baseiam-se na razão (MOSCOVICI, 2015).

O aprofundamento nos estudos que envolvem o senso comum nos possibilita extrair o pensamento de um grupo e culmina na própria expressão simbólica, criando recursos suficientes para se estudar o cotidiano. Assim, a representação é um conjunto organizado de informações, atitudes e crenças que um indivíduo ou um grupo elabora a propósito de um objeto, de uma situação, de um conceito e de outros indivíduos ou grupos, portanto, uma visão subjetiva e social da realidade (ABRIC, 2000).

Ampliando essa compreensão, Coutinho (2001) enfatiza que todos os fenômenos que emergem do contexto social são investidos simbolicamente, porque recebem nomes e significados que os avaliam, explicam e lhes dão sentido. Logo, ao falar de diversidade e diferença, estamos fazendo referência a algo que faz parte do nosso cotidiano e que recebe significados a partir do contexto em que está inserido.

Nessa lógica, Jodelet (2001, p. 26) aprofunda o conceito ao dizer:

A representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. São sistemas de interpretações que regem as relações do sujeito com o mundo, no sentido em que orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais, assumindo forma de linguagem comum.

A representação social é um saber prático que liga um sujeito a um objeto, com determinados elementos e relações; é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). Tem uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (que lhe confere significações) com seu objeto que faz da representação uma construção e expressão do sujeito (JODELET, 2001).

Quando nos remetemos ao conceito de representação social e sua relação com a diversidade e a diferença, ressaltamos o aspecto simbólico que esses termos apresentam, o que

considera a construção de uma ênfase social (simbólica) paralela à construção científica. Nesse sentido, compreendemos que as estruturas sociais e suas interações são dotadas de significados, em que se abrigam teorias, doutrinas e crenças que circundam os sujeitos e que os indivíduos utilizam para elaborar suas respostas, ao mesmo tempo em que contribuem para construir e reconstruir uma realidade comum.

As representações sociais são como sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros e orientam e organizam nossas condutas. Elas estão ligadas a sistemas de pensamento mais amplos (ideológicos ou culturais) e a um estado de conhecimentos científicos assim, como à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos (JODELET, 2001).

Assim, compreendemos que as ações e os discursos produzidos pelos indivíduos são dinâmicos e alteram-se ao longo de suas vidas, de acordo com suas experiências. Desse modo, evidencia-se o emergir das representações sociais, que refletem as condições sociais, econômicas e culturais em que vivem os coletivos e contemplam as condições de existência dos atores sociais. É no teor desses discursos que pretendemos analisar o panorama dos estudos que cercam a relação entre a diversidade e a diferença à luz das representações sociais.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa, indicada para estudar e discutir sobre o estado da arte de um assunto. Para Elias *et al.* (2012) e Rother (2007), a revisão narrativa é um método por meio do qual os autores podem analisar e interpretar os artigos de maneira mais abrangente e crítica sob uma ótica teórica ou contextual.

Rother (2007) chama a atenção, ainda, para a necessidade de se ater a fontes de qualidade que assegurem uma análise profunda e fidedigna das informações. Isso justifica nossa escolha pelas fontes de pesquisa em bases de dados de artigos e periódicos: Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*).

Os critérios de inclusão foram artigos publicados no Brasil, no período de 2010 a 2018, cujo referencial teórico retratasse os temas diversidade e diferença no ambiente educacional, tendo como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais. Assim, foram aplicados os seguintes descritores: representações sociais, diversidade e diferença; representações sociais e diversidade; representações sociais e diferença. O critério de inclusão das publicações foi de que apresentassem os termos ‘diversidade’ e ‘diferença’ no título, nas palavras-chave ou no

resumo. Foram excluídos os artigos que não apresentavam os critérios de inclusão propostos, além de teses e dissertações.

Depois de fazer a seleção inicial, procedemos à leitura dos títulos e dos resumos e, em momento posterior, a leitura completa dos textos. Como eixo de análise, verificamos os objetivos do estudo, a metodologia utilizada, os sujeitos da pesquisa, os resultados e as discussões.

Resultados e discussão

Na área de Educação, o estudo das representações sociais tem encontrado um campo fértil para a realização de várias pesquisas. Para elaborar um mapeamento da produção acadêmica e científica no cenário nacional sobre esse objeto de estudo, optamos pelo cruzamento dos eixos temáticos norteadores deste trabalho – representações sociais, diversidade e diferença; representações sociais e diversidade; representações sociais e diferença. Na busca por artigos para compor o estudo, encontramos 34 artigos sobre representações sociais, dos quais 24 foram excluídos por se relacionar com os termos diversidade e/ou diferença.

Depois de ler criteriosamente os artigos, encontramos nove que se aproximavam do nosso objeto de estudo, entretanto, não identificamos nenhum que associasse as três categorias conjuntamente. No que diz respeito ao aspecto metodológico, fizemos uma análise descritiva dos trabalhos e posterior interpretação, a fim de compreender as possíveis aproximações e as especificidades de cada artigo, evidenciando seus objetivos, o aporte teórico da TRS, a metodologia utilizada, os sujeitos da pesquisa, os resultados e as discussões.

Primeiramente, apresentamos o estudo de Zucchetti (2011), intitulado **A inclusão escolar vista sob a ótica de professores da escola básica**. O objetivo desse artigo foi apresentar os resultados de uma pesquisa interinstitucional que se ocupou dos discursos de professores da escola básica do Vale do Sinos, Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, acerca da inclusão escolar. Participaram da pesquisa 50 professores da Educação Básica de escolas públicas e privadas que estavam em formação acadêmica em cursos de licenciatura. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram a entrevista e o questionário, enviado eletronicamente. Em relação à abordagem metodológica, a pesquisa se apresentou como qualitativa.

Os resultados apontaram que os fundamentos da educação inclusiva se voltam apenas para os sujeitos com necessidades educativas especiais. As demais categorias em situação de

desvantagem social não fazem parte da pauta da educação inclusiva. A inclusão ainda é pensada como algo eminentemente dos deficientes. Por isso, no discurso pedagógico atual, o termo inclusão está ‘colado’ nas pessoas com deficiência (ORRU, 2009). Então, convém perguntar: Existem outras categorias a serem incluídas, além das pessoas com deficiência? Poderíamos afirmar que sim.

Precisamos, no entanto, ampliar nosso olhar para as demais categorias que são excluídas da sociedade – os mais pobres, os negros, os índios, os que residem na zona rural, os marginalizados, os sem teto, os moradores de rua, os homossexuais, os travestis e os transexuais – ou seja, todos aqueles cujas diferenças, de alguma maneira, sejam pessoais, sociais, econômicas ou políticas, encontram-se à margem da sociedade (ORRU, 2009).

Em relação aos discursos dos docentes que trazem à tona seu imaginário social, percebemos certo desconforto por parte deles, no que se refere às diferenças e à inclusão, que são tratadas como fenômenos sociais visíveis na escola. Há de se entender que as representações sociais são a maneira como os indivíduos pensam e interpretam seu cotidiano, um conjunto de imagens, acompanhado de um sistema de referência que possibilita ao indivíduo interpretar sua vida, dar sentido a ela e compartilhar essa interpretação com seu meio social (COUTINHO, 2005).

No contexto das representações sociais, o trabalho se destaca na tentativa de capturar a realidade e o movimento advindo dele. Foi possível perceber, na fala dos docentes, um desabafo, um pedido silencioso de socorro em relação às novas demandas da escola, o que sugere a necessidade de pensar na escola em seu sentido mais amplo, com o olhar voltado para uma cultura de pertencimento, em que a educação inclusiva realmente aconteça. Segundo Jodelet (2001, p. 26),

[...] a representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. São sistemas de interpretações que regem as relações do sujeito com o mundo, no sentido em que orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais, assumindo forma de linguagem comum.

Em **Diversidade sexual na escola: uma análise das representações sociais de educadores/as**, Souza *et al.* (2014) trazem à tona um estudo sobre as representações de educadores/as acerca da diversidade sexual que influenciam a (des)construção de atitudes preconceituosas e discriminatórias que são manifestadas na instituição escolar e ocasionam diversos outros tipos de violência homofóbica em toda a sociedade.

O principal objetivo desse estudo foi analisar as representações sociais de educadores/as da Educação Básica acerca da diversidade sexual. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, em que foi empregado o método de análise de conteúdo categorial temática. Os instrumentos utilizados foram: entrevistas e questionários semiestruturados realizados com sete docentes do Ensino Fundamental. Os resultados indicaram que as representações dos/as educadores/as estão ancoradas em crenças, normas e estereótipos impostos socialmente a respeito da diversidade sexual que, devido ao desconhecimento e a outras questões como a influência religiosa, impedem a busca de (in)-formação, e isso gera os preconceitos sutis ou manifestos, o que contribui com a manutenção das práticas homofóbicas no ambiente escolar.

Importa dizer que as representações sociais, como parte do imaginário social, são carregadas de ideias, valores e crenças que se articulam e se organizam de modos específicos e singulares em busca de significados e sentidos. Compreendemos que as estruturas sociais e suas interações são dotadas de significados, em que se abrigam teorias, doutrinas e crenças que circundam os sujeitos e que os indivíduos utilizam para elaborar suas respostas, ao mesmo tempo em que contribuem para construir e reconstruir uma realidade comum.

Portanto, ao desvelar as concepções e as vivências de educadores/as acerca da diversidade sexual, entendemos que é preciso promover cursos de formação inicial e continuada que forneçam constantemente (in)-formações precisas e atualizadas sobre esses temas.

Com enfoque similar, o estudo de Neves *et al.* (2015), intitulado **Representações sociais de professores sobre diversidade sexual em uma escola paraense**, teve o objetivo de identificar e analisar as representações sociais de professores sobre diversidade sexual considerando a Teoria do Núcleo Central. Em relação à metodologia, a pesquisa levou em consideração os atributos qualitativos e quantitativos para determinar os elementos centrais e periféricos de uma representação. A coleta dos dados, da qual participaram 50 professores de uma escola pública, foi feita por meio da Técnica de Associação Livre de Palavras. Os dados foram analisados a partir do quadro de quatro casas construídos pelo software EVOC2003: centrais, intermediários, contrastes e periféricos.

As análises indicaram que os sujeitos apresentam uma estrutura representacional que contempla a diversidade sexual determinada pelas cognições: ‘Respeito e Liberdade’, que são os elementos centrais; ‘Homossexualismo, Opção Sexual e Preconceito’, os intermediários; Aceitação, Direitos Humanos, Família e Igualdade, os de contraste; e Bissexual, Diferente, Heterossexual, Tipos de Atos Sexuais e Transexual, os periféricos.

Os dados indicaram que há dois grupos de professores em condições diferentes e que a maioria dos docentes apresentam uma grande carga de preconceito, estereótipo e visão

reducionista da sexualidade humana. Uma pequena parte olha o outro com respeito, embora não haja muitos subsídios para fundamentar essa representação. O segundo grupo é mais tolerante à diversidade sexual, o que significa dizer que seu olhar sobre a diversidade sexual está em processo de construção.

No que se refere ao preconceito, Jodelet (2006) nos alerta para o preconceito como uma atitude que contém inerentemente uma tendência à ação, em que podemos encontrar a discriminação, a marginalização e a segregação. Ou seja, o preconceito não se apresenta isolado, mas agregado a outras ações, tão maléficas e danosas quanto ele. Para compreender esses conceitos, vejamos a citação:

Com efeito, a exclusão induz sempre a uma organização específica de relações interpessoais ou intergrupos, de alguma forma material ou simbólica, através da qual ela se traduz; no caso da segregação, através de um afastamento, da manutenção de uma distância topológica; no caso da marginalização, através da manutenção do indivíduo à parte do grupo, de uma instituição ou do corpo social; no caso da discriminação, através do fechamento a certos bens ou recursos, certos papéis ou status, ou através de um fechamento diferencial ou negativo. Decorrendo de um estado estrutural ou conjuntural da organização social, ela inaugurará um tipo de relação social (JODELET, 2006, p. 53).

Podemos dizer que o primeiro grupo de professores traz uma visão de sexualidade agregada a vários fatores materiais e simbólicos, pensados a partir do contexto social em que estão inseridos. Jodelet (1989) esclarece que o social intervém na formação individual das representações de várias maneiras: por meio do contexto em que as pessoas se situam, da comunidade que se estabelece entre elas, da matriz cultural, dos valores ligados à participação dos sujeitos em grupos com interesses específicos e da posição.

O estudo de Silva (2015), **As representações sociais acerca da criança negra na educação infantil e os mecanismos de discriminação**, adentrou o espaço da diversidade no sentido do preconceito racial. Trata-se de uma reflexão a partir de uma pesquisa sobre as representações sociais de crianças negras na Educação Infantil e os mecanismos de discriminação racial existentes nessa instituição. O foco desse estudo consistiu em compreender o modo pelo qual as crianças negras são representadas na Educação Infantil.

Para tanto, a autora analisou como os educadores abordam a questão da diversidade étnico-racial em sua prática pedagógica e como resolvem os possíveis conflitos advindos dessa diversidade, visando provocar no leitor uma reflexão crítica acerca das relações raciais e suas implicações na escola e destituir das práticas sociais e pedagógicas os elementos trazidos pelo mito da democracia racial e ideal de branqueamento. Durante a pesquisa de campo, fez um

levantamento de todos os livros que a creche possuía – 450 – dos quais aproximadamente 30% traziam representações de pessoas, porém, apenas 10% representavam pessoas negras.

Em relação à metodologia, a pesquisa sugere uma abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados uma entrevista com as educadoras de uma creche municipal no interior de São Paulo. As questões das entrevistas foram: Por que você escolheu estes livros? Qual é a importância que você percebe em trabalhar estes livros que você escolheu?

Quanto aos resultados, nenhuma das educadoras citou o fato de escolherem os livros pensando na diversidade étnico-racial que eles possam ou não apresentar, o que mostra que a diversidade de representações de pessoas não se configura como um critério para escolher os livros que elas utilizam. Essa constatação é clara na análise dos livros escolhidos pelas educadoras, porque, do total de livros que elas escolheram, que apresentavam representação de pessoas, somente 13,7% tinham ilustrações de pessoas negras.

As representações construídas a respeito do segmento negro e da criança negra, identificadas no discurso das educadoras, reforçam o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento, demonstrando que os profissionais da Educação não compreendem a dinâmica do racismo em nossa sociedade. Por essa razão, o reproduzem no contexto escolar.

Em relação aos resultados, foram identificadas representações negativas sobre as crianças negras, que denotam a figura do negro como o diferente, o escurinho, o que causa curiosidade. Assim, a falta de representação ou a sub-representação dos negros nos recursos pedagógicos e sua representação social negativa por parte de algumas educadoras são compartilhadas cotidianamente entre as crianças e os adultos, que estão inseridos no contexto da creche, impedindo que outras representações positivas sobre o segmento negro sejam construídas.

Essas representações negativas estão alicerçadas no preconceito racial, que gera uma ação perversa e desencadeia uma série de estímulos dolorosos, pois retira do sujeito sua possibilidade de reconhecimento e identidade. Essa questão nos remete aos mecanismos de formação das representações sociais. Estamos nos referindo ao processo de objetivação e de ancoragem (MOSCOVICI, 1978).

Nesse caso, a objetivação associa-se à materialização de conceitos, à sua imagem e à formação do núcleo figurativo das representações. A ancoragem se associa à inserção e à consolidação das representações no pensamento social, o que influencia no sentido de que novos conceitos ou novas informações tenham mais ou menos probabilidade de aceitação por se “ancorarem” em representações já consolidadas pela solidez ou sustentação de seus núcleos (MOSCOVICI, 1978).

Focando ainda na esfera da diversidade sexual, Rocha e Rangel (2016), em sua pesquisa **A Diversidade Sexual permeada pela Teoria das Representações Sociais**: uma revisão narrativa, contempla-nos com uma revisão narrativa cujo objetivo foi analisar a questão da diversidade sexual mediada pela Teoria das Representações Sociais. As autoras traçaram um panorama da produção acadêmica alusiva ao tema e apreenderam aproximações e singularidades nas investigações dos diferentes autores.

A pesquisa da literatura pertinente ao assunto ocorreu na base de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), no período delimitado entre 2000 e 2015, em artigos produzidos no Brasil. A análise integrativa das pesquisas demonstrou que as representações estão arraigadas de significações negativas. Os descritores utilizados foram os seguintes: representações sociais e diversidade sexual; representações sociais e homossexuais; representações sociais e homossexualidade. No tocante à metodologia, o estudo apresentou-se como qualitativo, perfazendo uma análise descritiva sintética dos artigos e posterior interpretação.

Nos estudos, destacam-se duas aproximações: a problematização do preconceito e a da natureza da homossexualidade. Quanto às singularidades, a raridade de investigações no domínio escolar é um destaque. E como os estudos foram insuficientes e escassos, o aprofundamento das investigações dissemina-se como um caminho fértil para superar e desconstruir práticas impregnadas de intolerância e de repúdio a padrões não hegemônicos.

Falar de diversidade sexual implica adentrar um campo de vários significados, cercado por um contexto social, político, educacional e cultural, calcado em vários preconceitos e exclusões. Talvez isso explique a raridade de investigações de cunho educacional. No que se refere à problematização do preconceito, destacamos o pensamento de Bobbio (2002, p. 103), que assevera que o preconceito é gerado por:

[...] uma opinião ou um conjunto de opiniões, às vezes, até mesmo uma doutrina completa, que é acolhida acriticamente e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão: acriticamente e passivamente, na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional. [...] Por isso, se diz corretamente que o preconceito pertence à esfera do não racional, ao conjunto das crenças que não nascem do raciocínio e escapam de qualquer refutação fundada num raciocínio.

No caso da homossexualidade, é rechaçada pela sociedade de uma maneira geral. Uma demonstração disso são as representações sociais negativas a seu respeito. Os resultados do estudo enfatizam as representações sociais radicadas de significações negativas. Nesse

contexto, podemos compreender que as ideias evocadas e compartilhadas por um grupo social propiciam a elaboração de um conhecimento compartilhado por todos, o que sugere o entendimento do grupo a partir da soma de suas ideias. Isso corrobora o pensamento de Moscovici (2003, p. 52) de que as representações sociais: “[...] restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicitando os objetivos e os acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um que coincida com nossos interesses imediatos”.

Souza *et al.* (2017) realizaram uma pesquisa qualitativa, denominada de **Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia**, que objetivou analisar as representações sociais de educadores/as do Ensino Fundamental Maior e o Ensino Médio sobre a diversidade sexual e a homofobia. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi feita em duas escolas públicas do município sergipano Simão Dias. A escolha por esse campo de pesquisa deveu-se à escassez de estudos a respeito desse assunto no interior de Sergipe. Foi realizada uma amostragem não probabilística por conveniência com sete professores/as do Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º anos) e 10 (dez) do Ensino Médio. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas, o que se configura como uma pesquisa de cunho quantiquantitativo.

No questionário, foram inseridas imagens gráficas referentes às identidades sexuais e de gênero não heterossexuais (casal de gays e de lésbicas, uma travesti e uma mulher transexual), com o objetivo de compreender, de modo acurado, as representações dos/as docentes acerca da diversidade sexual. O uso de imagens possibilita uma apreensão clara das representações dos/as docentes, visto que, em conformidade com a própria Teoria das Representações Sociais, torna o objeto de estudo mais concreto e revela as concepções, as crenças e os pré-julgamentos a respeito das identidades sexuais e de gênero ilustradas (SILVA JÚNIOR, 2010).

Os resultados obtidos evidenciaram que as representações dos/as educadores/as estão ancoradas em padrões sociais acerca da diversidade sexual, que geram preconceitos sutis e contribuem para espalhar a homofobia no ambiente escolar.

Segundo Jodelet (2001), a ancoragem é um processo de enraizamento no sistema de pensamento a que atribuímos sentidos e a instrumentalização do saber, que explica a maneira como as informações novas são integradas e transformadas no conjunto dos conhecimentos socialmente estabelecidos e na rede de significados construídos socialmente para interpretar o real.

No que diz respeito à questão da homofobia no ambiente escolar, Louro (2010) enfatiza que a escola tem dificuldade de lidar com os que, de alguma maneira, estão fora da norma,

inclusive argumenta que a escola pode se apresentar como um espaço cruel de segregação, homofobia e violência.

Morgado *et al.* (2017), em seu estudo, **As representações sociais da deficiência (RSD) podem ter amplo impacto na efetiva inclusão nas aulas de Educação Física**, objetivaram investigar as RSD por alunos de Educação Física e avaliar suas repercussões na participação do aluno com deficiência nas atividades pedagógicas propostas.

O estudo, de natureza descritiva, qualitativa e exploratória, contou com a participação de 29 estudantes da Rede Estadual de Ensino dos municípios de Itaguaí e Seropédica - RJ, de ambos os sexos, com idade média de 19,55 anos (DP=5,05), com ou sem a manifestação de uma deficiência e que praticavam aulas de Educação Física. A entrevista semiestruturada foi utilizada para coletar os dados.

As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas com a técnica de análise de conteúdo. Três categorias emergiram: (1) RSD: modelos teóricos; (2) RSD: conceitos e valores; (3) representações sociais e participação nas aulas de Educação Física. Cada uma foi discutida junto com sugestões para estudos futuros. Conclui-se que a maioria das RSD foi pautada no modelo médico, com características estigmatizantes e excludentes, e podem ter um forte impacto na participação dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, o que torna essencial a elaboração de intervenções que enfoquem essa problemática e contribuam para efetivar a inclusão.

É importante destacar que o saber médico está presente nos discursos escolares. Uma prova disso são as descrições, as classificações, os diagnósticos e os tratamentos a que são submetidos os sujeitos. O saber médico se apresenta nos relatórios e nas explicações sobre a não aprendizagem do sujeito (LOCKMANN; TRAVERSINI, 2011). Cabe refletir sobre as formas como as representações sociais se manifestam. Segundo Minayo (1994, p. 108),

[...] as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social.

Oliveira (2017), em seu trabalho: as **Representações sociais sobre educação inclusiva e o ato de ensinar na diversidade**: a personalidade do professor em cena, traz uma revisão sistêmica da literatura, com o objetivo de discutir sobre como se operam as representações sociais dos professores, tendo como base a ideia de que a constituição humana é resultado das

múltiplas apropriações de signos culturais e caracterizada pelo desenvolvimento psíquico e pelo autocontrole da conduta no contexto coletivo.

Nessa perspectiva, o trabalho foi compreendido como o fator decisivo no processo de humanização do psiquismo e está diretamente relacionado aos produtos históricos e aos processos de mediação que atuam no desenvolvimento de conceitos que formarão as representações sobre os fenômenos que nos rodeiam. As representações sociais retratam um sistema de pensamento marcado pela indissociabilidade entre o social e o individual, que se fundem por meio do processo de mediação semiótica e instrumental. Os professores também estão submetidos a essa estrutura de formação do pensamento, portanto, suas representações atuam diretamente no ato pedagógico, entrelaçando o conhecimento teórico e seu equipamento emocional nem sempre consciente.

No que diz respeito à diversidade, Rangel (2011, p. 15) a define como um “conjunto de manifestações no mundo plural” e “um conjunto de diferenças que se expressam nos contornos de cada manifestação do mundo plural”. Nesse sentido, o foco da diversidade encontra-se imbricado no contexto dos diversos significados e nas várias expressões da diferença.

Considerando as discussões sobre a inseparabilidade do individual e do social na formação do pensamento, convém enfatizar que as representações sociais imprimem uma dinâmica de caracterização, interpretação e delimitação de ações e práticas sociais, que explica o cruzamento entre o conhecimento e as emoções. Para Jodelet (2001, p. 17-22), as representações:

[...] nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma decisiva, “portanto”, [...] orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais.

Assim, as representações fazem parte de um processo ativo na construção da identidade de um grupo social, o que fundamenta a condução e o comportamento de grupo, orientando suas ações, seus julgamentos e a identidade grupal (ALVES, 2019).

O estudo de Paulino, Coutinho e Costa (2018), intitulado **Apreendendo a inclusão social sob o olhar das representações sociais**, objetivou apreender as representações sociais (RS) acerca da inclusão social elaboradas por pessoas com deficiência visual.

O levantamento de dados foi feito através de um questionário com 30 pessoas com idades entre 18 e 69 anos, contatadas em duas instituições públicas, que responderam a um questionário psicossociológico e à entrevista em profundidade. Quanto à natureza, a pesquisa é

descritiva, de campo e de cunho qualitativo. Os dados foram processados pelo SPSS 19.0 e pelo Alceste e analisados por meio da estatística descritiva e da análise lexical.

Os resultados apontaram que as RS sobre a inclusão social das pessoas com deficiência visual foram objetivadas por meio das expressões: ambiente físico escolar inadequado, dificuldade na acessibilidade urbana, equipe educacional despreparada para lidar com a diversidade, distância entre as leis e sua aplicabilidade e desconhecimento dos direitos sociais. Nesse ponto, nosso olhar se volta para os resultados encontrados, em especial, para os processos geradores das representações sociais, ou seja, a ancoragem e a subjetivação.

Segundo Moscovici (2003), a ancoragem é um processo que busca ancorar as ideias estranhas e reduzi-las a categorias e a imagens comuns e colocá-las em um contexto familiar, melhor dizendo, tornar familiar o que é estranho. A subjetivação consiste em transformar algo abstrato em quase concreto, ou seja, transformar o que está na mente em algo que exista no mundo físico.

Ou seja, ancorados na dialética inclusão/exclusão evidenciada nos aspectos multifacetados desse processo, percebemos, nos enunciados, que os participantes têm consciência da importância da educação no processo de inclusão na sociedade, uma vez que ela propicia o acesso ao mercado de trabalho, ao lazer e à conquista da cidadania.

A ancoragem é um mecanismo que classifica e nomeia algo, o que possibilita que esse objeto seja inserido em um campo de aproximação e aceitação do novo, com base em uma referência anterior. Para Moscovici (2003, p. 66), “ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de uma cultura”.

Considerações finais

Este estudo versou sobre o panorama da produção acadêmica nacional pertinente aos temas diversidade e diferença, na perspectiva da teoria das representações sociais, no campo da Educação.

Em relação às tendências metodológicas, boa parte dos estudos se apresentam como descritivos, de campo, e de cunho quantiquantitativos. Outro ponto relevante foi o uso de combinações de procedimentos de coleta, o que proporciona uma profundidade na análise dos dados. No que diz respeito ao perfil dos participantes, foi possível constatar que os estudos em sua maioria, tratavam de docentes inseridos na Educação Básica, entretanto, encontramos alguns trabalhos que tinham em seu público os discentes.

Com base nas análises realizadas, podemos inferir que existe um significativo número de artigos que envolvem o tema diversidade, entretanto, não podemos dizer o mesmo em relação ao tema diferença. Destaca-se, assim, que os estudos que abordam a diversidade trazem certa ambivalência em relação ao uso do termo. Essa ambiguidade deve-se ao fato de que em determinado momento o diverso é vinculado a alguma característica do sujeito, seja étnica, racial, sexual, corporal e/ou cultural. Outras vezes, falar de diversidade é uma tentativa de reduzir a diferença, o que banaliza sua expressividade ou sugere pensá-la como sendo o oposto da igualdade.

Ainda com base nos dados coletados, nos cabe refletir que o tema diversidade é bastante presente no discurso pedagógico, especialmente quando vem associado à aceitação e à valorização da diversidade. Todavia, é importante lembrar que a bandeira da diversidade é levantada enquanto a reconhecemos e acolhemos o outro. Mas, a que outro estamos nos referindo?

A lógica da diversidade nos artigos nos possibilita afirmar que os elementos presentes nos discursos trazem representações conflitantes, pois, enquanto se eleva a necessidade de acolher e aceitar o diverso, o ambiente educacional se traduz como preconceituoso e discriminatório, o que contribui para excluir pessoas que não se enquadram nos padrões aceitos socialmente.

Ademais, esse estudo aponta a necessidade de novas pesquisas nesse campo, que envolvam mais docentes, discentes e educadores de outras áreas do conhecimento que se interessem pelo tema da diversidade e da diferença. Como é próprio das pesquisas científicas, registram-se algumas limitações encontradas nesse estudo, como a ampliação das amostras, ou seja, a utilização de outras bases de dados, que possam subsidiar novos estudos.

Para encerrar, destaca-se a importância da Teoria das Representações Sociais – TRS, por ser uma teoria que apresenta ferramentas conceituais capazes de analisar vários ângulos da realidade. Sua contribuição é inegável para atravessar as demandas que envolvem as questões sociais, sem perder de vista que as representações sociais nos permitem apreender a história da forma como ela está sendo construída, pois ela evolui na medida das mudanças que intervêm nos modelos culturais, nas relações sociais, nas circunstâncias que afetam os contextos em que se desenvolvem, nos agentes que as constroem e da sua inserção em uma rede de vínculos sociais e intersubjetivos.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.-C. Abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A. S. P. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.
- ALVES, W. B.; RANGEL, M. **A escola no espelho**. Niterói: Eduff, 2019.
- BOBBIO, N. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. São Paulo: UNESP, 2002.
- CATÃO, M. F. F. M.; COUTINHO, M. P. L. Representações sociais e mediação da conversão psicológica indivíduo sociedade. *In*: COUTINHO, M. P. L.; LIMA, A. S. (org.). **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 184-191.
- COUTINHO, M. P. L. **Depressão Infantil e Representação Social**. 2. ed. João Pessoa, PB: Ed. Universitária UFPB, 2005.
- COUTINHO, M. P. L. **Depressão infantil: uma abordagem psicossocial**. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2001.
- ELIAS, C. S. R. *et al.* Quando chega o fim?: uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 48-53, abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000100008. Acesso em: 10 mar.2020.
- JODELET, D. **Folies et représentations sociales**. Paris: PUF, 1989.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 17-41.
- JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. *In*: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 53-66.

- LOCKMANN, K.; TRAVERSINI, C. S. Saberes morais, psicológicos, médicos e pedagógicos e seus efeitos na inclusão escolar. In: THUMA, A. S.; HILLESHEIM, B. (org.). **Política de inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças**. Santa Cruz: EDUNISC, 2011.
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2010.
- MINAYO, M. C. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: JOVCHELOVITCH, S., GUARESCHI, P. (org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MORGADO, F. F. R. *et al.* Representações sociais sobre a deficiência: perspectivas de alunos de educação física escolar. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 23, n. 2, p. 245-260, abr./jun. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382017000200245&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 maio 2020.
- MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Europa-América, 1973.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em Psicologia Social**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- NEVES, A. L. M. *et al.* Representações sociais de professores sobre a diversidade sexual em uma escola paraense. **Revista Quadrimestral de Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 261-269, maio/ago. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000200261. Acesso em: 22 maio 2020.
- OLIVEIRA, A. A. S. As representações sociais sobre educação inclusiva e o ato de ensinar na diversidade: a personalidade do professor em cena. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 59, p. 643-656, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28084>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- ORRÚ, C. M. S. F. O discurso da inclusão; o direito a diferença. In: UYENO, E. Y.; MASCIA, M. A. A. (org.). **Mal-estar na inclusão: como (não) se faz**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. p. 341-356.
- PAULINO, A. C. O. B.; COUTINHO, M. P. L.; COSTA, F. G. Apreendendo a inclusão social sob o olhar das representações. **Estudo e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 773-792, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/40448>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- RANGEL, M. (org.). **Diversidade, diferença e multiculturalismo**. Niterói: Intertexto, 2011.

ROCHA, V. L. B.; RANGEL, M. A diversidade sexual permeada pela teoria das representações sociais: uma revisão narrativa. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**, v. 11, n. 2, p. 783-794, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8215>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, abr./jun. 2007. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/revisao-sistemica-x-revisao-narrativa/>. Acesso em: 19 nov.2019.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 19-45.

SILVA JUNIOR, J. A. **Rompendo a mordada: representações sociais de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade**. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, C. F. J. As representações sociais acerca da criança negra na educação infantil e os mecanismos de discriminação. **Revista Eventos Pedagógicos, desigualdade e diversidade étnico-racial na educação infantil**, v. 6, n. 4 p.323-341, nov./dez. 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1990>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA, E. J. *et al.* Diversidade sexual na escola: uma análise das representações sociais de educadores/as. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 11, n. 25. p. 390, 422, 2014. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/841>. Acesso em: 10. jul.2020.

SOUZA, E. J. *et al.* Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. **Estudos feministas**. Florianópolis. v. 25, n. 2, p. 519-544, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2017000200519&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 mar.2020.

ZUCCHETTI, D. T. A inclusão escolar vista sob a ótica de professores da educação básica. **Educação em Revista. Belo Horizonte**, v. 27, n. 2, p. 197-218, ago. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000200010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 ago. 2020.

Como referenciar este artigo

SOUZA, S. C. M.; PEREZ, C. L. V. Diversidade e diferença: representações sociais no espaço educacional. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2720-2740, out./dez. 2021. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.14269>

Submetido em: 12/07/2021

Revisões requeridas em: 14/08/2021

Aprovado em: 18/09/2021

Publicado em: 21/10/2021